Capítulo 72

Movimentos sociais e nacionalidades: a Guerra de Secessão nos Estados Unidos

Do outro lado do Atlântico, durante o processo de unificação de Itália e Alemanha, os Estados Unidos cresciam. A população aumentava, estimulada pelas vagas de imigrantes; o território também, com a integração de novas terras, compradas ou conquistadas. As contradições entre norte e sul se acirraram, culminando em grande conflito, a Guerra de Secessão.

Na base da disputa estava a questão dos escravos. Tratava-se de um choque de civilizações entre o norte industrializado, protecionista e estimulado por um vivo espírito religioso, e o sul rural, dominado por uma aristocracia de ricos plantadores. Foi a maior guerra antes do conflito mundial de 1914-1918.

1. Isolamento político

Depois do reconhecimento de sua Independência em 1783 e da promulgação de sua Constituição em 1787, os Estados Unidos traçaram sua política exterior isolacionista. George Washington adotou o comportamento de não se intrometer em assuntos europeus. Em 1822, a *Doutrina Monroe* confirmou a tendência e reservou esta parte do mundo para o próprio imperialismo americano. Dez anos antes, o país havia guerreado novamente contra a Inglaterra, por causa das pretensões americanas sobre o Canadá e do bloqueio inglês ao comércio de seus antigos colonos com a França; foi a Segunda Guerra de Independência. A *Paz Eterna de Gand* pôs fim ao conflito.

O crescimento mudou a política interna dos Estados Unidos. O domínio do partido dos *whigs*, dos grandes proprietários e comerciantes ricos do leste, foi abalado com a participação política dos pequenos proprietários, que deram origem ao *Partido Democrata*. Andrew Jackson, unindo pequenos agricultores e artesãos contra os grandes capitalistas, elegeu-se para os mandatos de 1829-1837. Começava uma fase de supremacia democrata; Jackson iniciou o *spoil system*, política de expurgar os membros do partido vencido dos postos administrativos.

Isolacionismo na política externa, expansionismo na interna. Migrantes internos e imigrantes europeus aceleraram a ocupação do território. A população quase dobrou entre 1790 e 1810, quando passou dos 7 milhões de habitantes. Em 1870, alcançava os 40 milhões. A marcha do crescimento territorial:

1803 — Os Estados Unidos compram a Louisiana de Napoleão Bonaparte por 15 milhões de dólares.

1819 — Por 5 milhões, compram a Flórida da Espanha.

1845 — Declarando-se independente do México, o Texas une-se aos Estados Unidos.

1846 — Findo litígio com a Inglaterra, anexam o Oregon.

1848 — Depois de guerra por fronteiras contra o México, anexam Nevada, Califórnia, Utah, Arizona e Novo México.

O país ficou com 7 800 000 km² de superfície. De 23 Estados em 1820, passou a ter 33 em 1860; nesse período a população passou de 9 600 000 para 31 300 000 habitantes, graças à imigração. Só entre 1830 e 1860, entraram no país 4 600 000 imigrantes, 16% deles ingleses, 39% irlandeses e 30% alemães. Nova York ficou com 1 milhão de habitantes.

A pressão populacional incentivou a marcha para o Oeste. Em 1848 e 1849 deu-se a *corrida do ouro* na Califórnia. O *Homestead Act* de 1862 autorizou a distribuição de terras aos estrangeiros, acelerando a ocupação rumo ao Pacífico. Os índios perderam terras a que tinham direito, em geral de forma violenta.

A falta de mão-de-obra favoreceu o desenvolvimento da indústria de máquinas agrícolas. A indústria têxtil de lã e algodão concentrou-se na Nova Inglaterra; a extração de carvão e a siderurgia, na Pensilvânia. Em 1860, enquanto a industrialização avançava na Europa e o café salvava a

balança comercial do Brasil, os Estados Unidos já possuíam 50 000 quilômetros de ferrovias e se preparavam para construir as primeiras transcontinentais, ligando o Atlântico ao Pacífico.

A industrialização européia expandiu os mercados para o algodão, que os Estados sulinos produziam em grande escala.

2. Progresso e escravidão

O início da arrancada econômica dos nortistas, firmes na política de industrialização, se dá em 1860. O sul vendia algodão para a Europa. O valor das exportações representava 22% da produção nacional em 1810 e 57% em 1860. A produção praticamente duplicava a cada dez anos:

ANO	FARDOS
1810	*178 000*
1820	*335 000*
1830	*732 000*
1840	*1 348 000*
1850	*2 136 000*
1860	*3 841 000*

O sul se convenceu de que deveria dirigir a União e que seus interesses deveriam prevalecer. Surgiram conflitos na política tarifária entre 1828 e 1832: o sul queria tarifas de importação e exportação baixas; o norte queria proteção tarifária para se proteger da concorrência estrangeira. O norte queria a formação de um mercado interno: compraria algodão no sul, industrializaria e produziria as manufaturas necessárias ao país.

O escravo era o motor da produção agrícola. Portanto, precisava ser defendido. Embora proibido desde 1815, o tráfico de escravos persistiu, sob forma de contrabando, até 1860. Apesar disso e de sua criação sistemática nas fazendas, os escravos tinham o preço aumentado continuamente. Para os sulistas, a solução era expandir as áreas de trabalho escravo. Os nortistas combatiam tal idéia e defendiam a ocupação de novos territórios pelo trabalho livre de pioneiros e imigrantes.

Crescia a campanha pela abolição da escravatura, conduzida por homens influenciados pelas idéias iluministas e por religiosos que se baseavam na Bíblia para condená-la. William Garrison fundou *O Libertador*, logo transformado em porta-voz dos abolicionistas. O *Acordo do Mississípi*, de 1820, autorizava a escravidão apenas abaixo do paralelo 36°40'; os abolicionistas ajudavam os negros a fugir para as regiões livres.

A questão agitava a opinião pública. Em 1847, foi fundado na África o Estado da Libéria, para receber escravos libertos que quisessem voltar a sua terra. Em 1852, Harriet Beecher Stowe publicou *A Cabana do Pai Tomás*, romance abolicionista que vendeu 300 000 exemplares no primeiro ano de edição. Poetas e pensadores, como Longfellow, Emerson e Melville, apoiaram a causa. Antes de 1850, havia 200 000 abolicionistas organizados e mais de 2 000 associações.

Recém-chegada, a Califórnia pediu sua integração como Estado não-escravista, apesar de estar abaixo do paralelo-limite, o que foi aprovado. Em 1850, o Compromisso Clay delegou aos habitantes de cada Estado o direito de decidir sobre a escravidão, reforçando o Acordo do Mississípi. Em 1854, o recém-criado *Partido Republicano* também abraçou a causa.

As posições se radicalizaram. Abolicionistas e escravistas passaram a confrontar-se militarmente, enquanto o governo apaziguava, fazendo concessões aos sulistas. O negro Dred Scott pediu sua liberdade em 1857, por ter morado duas vezes em território livre, conforme lhe assegurava a lei. O tribunal negou, por não considerar os negros como cidadãos. A corrente abolicionista ficou abalada. Em 1859, John Brown tentou sublevar os escravos da Virgínia, tomando um arsenal do Exército. Preso e enforcado, transformou-se em mártir do abolicionismo.

A divisão diante da escravidão tomou um sentido geográfico, separando o norte do sul.

Em 1860, surge como candidato presidencial do Partido Republicano um político de atitudes moderadas em relação à escravidão e determinado, acima de tudo, a manter a União: Abraham Lincoln. O Partido Democrata, mais forte, estava dividido entre norte e sul e Lincoln venceu. Deveria assumir em março de 1861, mas antes disso explodiu a rebelião sulista.

3. Devastação e 600 000 mortos

Em dezembro de 1860, no mês seguinte às eleições, a Carolina do Sul se desligou da União. Mais seis Estados seguiram o exemplo. Em fevereiro, em Montgomery, Alabama, os sete realiza-

ram um congresso em que decidiram formar uma nova União: os *Estados Confederados da América*, com capital em Richmond, Virgínia. Jefferson Davis foi nomeado presidente provisório e Alexander Stephens, vice. Mais quatro Estados se uniriam a eles.

O gesto dos sulistas deve ser entendido a partir de seus interesses econômicos e da exaltação da campanha abolicionista. Eles sabiam que, dentro da União, sua sociedade escravista não resistiria à concorrência do norte industrial.

Os sulistas esperavam que os nortistas aceitassem a separação como fato consumado, mas estavam dispostos à guerra para defender os Estados Confederados. A correlação de forças era desfavorável ao sul. Dos 31 milhões de americanos, mais de 20 milhões viviam no norte. Dos pouco mais de 10 milhões de sulistas, 3 500 000 eram escravos. O sul só tinha uma fábrica de armamentos pesados; o norte já dispunha de bem montado parque industrial, rede ferroviária e poderosa esquadra.

Mesmo assim, os sulistas iniciaram a ofensiva. Tomaram o forte Sumter, em 12 de abril de 1861. Estava deflagrada a guerra. O avanço técnico mudou a feição da guerra. O fuzil de repetição deu origem à trincheira e praticamente eliminou o sabre, pois o corpo-a-corpo tornou-se difícil. O mosquete foi excluído. A cavalaria passou a plano secundário e, assim, tornaram-se impossíveis as vitórias rápidas. Os barcos couraçados revolucionaram as técnicas da guerra naval; graças a eles, o norte impôs ao sul um bloqueio invulnerável, que impedia o recebimento de material bélico da Europa. As ferrovias facilitavam o rápido deslocamento de tropas. Outra vantagem nortista estava no telégrafo: o comandante Ulisses Grant sabia a qualquer momento o que se passava em todas as frentes.

No plano estratégico, foi uma *guerra total*: contra o exército inimigo e contra a população. O general nortista Sherman, ao passar pela Geórgia, destruiu tudo num raio de 80 quilômetros.

Grant foi o grande tático. Foi quem determinou a ofensiva através do Mississípi, dividindo o sul em dois, fato importante para a vitória nortista. O comandante sulista, general Robert Lee, jogou a maior cartada atacando o coração industrial do norte, a Pensilvânia. Foi a *Campanha de Gettysburg*. Obrigado a recuar, sofreu pesadas baixas.

Em 22 de setembro de 1862, o governo aboliu a escravidão nos Estados rebeldes, para desorganizar a economia sulista e instigar os escravos à rebelião. Ao mesmo tempo, tentava conquistar simpatias na Europa, o que deu certo: depois da decisão, cessou toda a ajuda anglo-francesa aos confederados. A abolição efetiva viria em 31 de janeiro de 1865, sem programa algum de adaptação ou ajuda, o que perpetuou a desigualdade contra o negro, à semelhança do que ocorreria mais tarde no Brasil.

Em 9 de abril, Lee pediu a Grant os termos de rendição. No dia 14, o jovem ator John Booth, escravagista fanático, assassinou Lincoln. Com isso, desapareceu a atitude moderada entre vencedores e vencidos: as disputas políticas abriram caminho para aventureiros políticos do norte que disputavam cargos no sul com apoio dos negros, agora com direito a voto. Os brancos reacionários fundaram associações radicais, como a racista *Ku-klux-klan*, nascida em Nashville em 1867. Somente com a retirada das tropas de ocupação do sul em 1877, conseguiu-se normalizar a vida política da nação. A guerra civil havia deixado um saldo de 600 000 mortos, o sul devastado, a economia desorganizada e uma legião de negros marginalizados. Uma provação pela qual o Brasil pós-Independência não passaria com tal intensidade, apesar das guerras internas, como veremos a seguir.

Questões propostas

1. Resuma a rápida expansão econômica, populacional e territorial dos Estados Unidos pós-Independência. O que foi a marcha para o Oeste?

2. Explique o declínio dos *whigs* e a ascensão dos democratas.

3. Estabeleça as diferenças entre sul e norte e exponha as condições que levaram à Guerra de Secessão americana.

4. Quais foram os comandantes do sul e do norte e quais seus maiores feitos durante a guerra?

5. Que medida tomou o norte para desorganizar a economia sulista e atrair simpatias européias?

6. Qual foi o desfecho da guerra e que saldo deixou?